



As relações entre a Linguística e a Arquivologia: abordagens semântico-discursivas

Interdisciplina en los archivos

Thiago Henrique Bragato Barros¹

Palavras chaves: Linguística; Discurso; Semântica; Arquivologia;

Resumo

A linguística configura-se como uma área capaz de contribuir para a compreensão e delimitação de fenômenos histórico e sociais. Propõe-se discutir neste trabalho aspectos fundadores da linguística e as relações que têm sido trabalhadas visando o desenvolvimento teórico e metodológicos da Arquivologia especialmente no âmbito da representação e organização de arquivos. Expõe-se de maneira panorâmica os trabalhos que têm sido desenvolvidos no âmbito do grupo de pesquisa no Brasil, utilizando da linguística enquanto abordagem e metodologia de pesquisa nas áreas de Arquivologia, Biblioteconomia e Ciência da Informação. Trata-se, portanto, de um trabalho descritivo e teórico. Visando contribuir para o fortalecimento e amadurecimento das relações entre essas áreas, uma vez que, é só por meio das relações interdisciplinares que a Arquivologia, poderá desenvolver-se e fundamentar-se de forma plena.

Objetivos

Trazer a debate a relação da Arquivologia A linguística; Explorar a relacao entre esas áreas sugerindo novas perspectivas para as práticas arquivísticas e os trabalhos que tem sido desenvolvidos relacionando essas temáticas

¹ Professor Adjunto do Departamento de Ciência da Informação da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, e do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação- Universidade Federal do Pará, Brasil.

bragato.barros@ufrgs.br



Metodologia

A pesquisa caracteriza-se pela natureza qualitativa, cujo o método aplicado é o estudo exploratório, teórico e de análise documental. Esta análise aconteceu em três fases teórico-metodológicas, baseando-se principalmente na análise bibliográfica.

Primeiro foram pesquisadas e feita leituras de autores que abordam as questões e apresentando pesquisas que tem sido desenvolvias em relação a esses métodos. Foi então apresentando linhas teóricas e conceituais que tem sido desenvolvidas em relação a essas temáticas.

Resultados

Nosso percurso de pesquisa, sempre esteve relacionado ao trabalho de interface a qual relaciona a Ciência da Informação, Arquivologia e a Linguística, continua-se , porque se entende que existe uma relação fundamental que pode contribuir para o aprofundamento teórico-metodológico destas áreas, por meio de suas metodologias e perceptivas nucleares.

Assim, aborda-se aspectos fundamentais e norteadores das relações entre essas áreas e desdobramentos práticos e teóricos para a Arquivologi aem suas relações com a linguística.

Neste sentido, têm-se trabalhado com a busca pela construção de um ferramental teórico-metodológico e integrá-las no âmbito da organização e acesso aos arquivos compreendendo a atividade de representação e organização de arquivos como totalidade de um processo com uma série de facetas.

Assim, utiliza-se da Representação Arquivologia como um ponto de partida para as análises da teoria e da prática em classificação e descrição de arquivos tecendo comparação entre aos produtos deste processo, ou seja, os instrumentos de pesquisa e planos de classificação.

Portanto, pode-se compreender a Representação Arquivologia como um ponte que relaciona a Descrição e Classificação como parte de seu processo, no sentido de que o termo Representação amplia a gama de compreensão destes processos e linguística



como um método para análise de instrumentos de pesquisa e de teorias Arquivística, filiando-se aos estudos voltados para a Semântica Textual e Análise do Discurso.

Com essa compreensão, busca-se este texto demarcar e sinalizar campos de atuação e divulgar como e o que têm sido trabalho neste contexto.

Aspectos metodológicos da linguística.

Os estudos linguísticos foram, durante a primeira metade do século XX, balizados pela problemática colocada pela oposição língua/fala, que impôs uma “linguística da língua”, até certo ponto limitada pelo estudo interno da língua, não dando conta de seu objeto enquanto elemento produzido por e em um contexto assujeitado pela ideologia (ALTHUSSER, 1985) exterior e relacionada à própria produção linguística.

Contudo, a linguística moderna, desde seu marco disciplinar inicial com a publicação do Curso de Linguística Geral (1916) de Ferdinand Saussure, foi fundamental para a construção de todas as áreas de pesquisa que buscam estudar a linguagem enquanto objeto científico. Além disso, a linguística desde seu início esteve associada ao estruturalismo, antes mesmo do auge desse movimento intelectual do final dos anos de 1950.

Assim, muitas vezes a obra de Saussure é considerada um dos gestos fundadores do estruturalismo, como é conceituado por autores como Dosse (1993), Benveniste (1976) e Pêcheux (1998).

Nesse sentido, a linguística tende a tornar-se científica por “não apenas insistir sobre uma necessidade de rigor, comum a todas as disciplinas. Trata-se, em primeiro lugar, de uma mudança de atitude em relação ao objeto, que se definirá por um esforço para formalizá-lo” (BENVENISTE, 1976, p.7).

O rigor sistêmico, mais tarde compreendido e apresentado como estrutural por Saussure, irá influenciar no estruturalismo, especialmente, nas disciplinas que permaneciam em estado de estruturação, por volta das décadas de 1940 e 1950, como é argumentado por Dosse (2001, p.296):



Os setores mais afetados pelo contágio linguístico foram disciplinas que se encontravam numa situação ainda precária no plano institucional, ou que estavam em busca de uma identidade, marcada por contradições internas entre suas pretensões à positividade científica e sua relação com o plano político.

O método de Saussure pode ser definido, em relação a um ponto fundamental, como sistêmico. Ampliado durante a década de 1950, pelos próprios estruturalistas com a noção de estrutura, esse preceito permeou a corrente intelectual de uma série de áreas até o final da década de 1970; dito isso, é necessário, em primeira instância, buscar compreender exatamente o significado desse sistema e conceito próprio de “estrutura”. A linguística demonstra, essencialmente, que a língua é um sistema arbitrário de signos, vista, então, não como um sistema de valores ideológicos constituídos por conteúdos ou produtos de uma experiência, mas por diferenças – totalmente arbitrárias e fechadas em si mesmas. Portanto, a língua é passível de estudos com um rigor matemático.

Saussure (2006, p. 72) exemplifica essa acepção da seguinte maneira “a ideia de mar não está ligada por relação alguma à sequência de sons m-a-r (...) poderia ser representada igualmente bem por outra sequência”.

Baseando-se nesta acepção é possível perceber que existe uma dualidade que se impõe à língua pela teoria saussuriana e pela própria linguagem, na medida em que aquele constitui-se num sistema que só conhece a sua própria ordem por uma relação entre duas dicotomias, a da língua (*langue*) / fala (*parole*) – do significante (imagem acústica) e do significado (conceito) – estabelecendo, assim, uma dualidade fundamental entre o sistema de signos (*langue*) e a esfera semântica e discursiva de seu uso, a *parole*.

“Nesta determinação mútua, o que conta não são os termos, considerados individualmente, mas os afastamentos diferenciais; são as diferenças de som e de sentido e as relações entre ambos que constituem o sistema de signos de uma língua” (RICOEUR, 1970, p.159).

Estas acepções afastam os estudos de linguagem de uma fundamentação predominantemente histórica e evolutiva, na medida em que essas dualidades irão funcionar como leis para os estudos de linguagem, como apresenta Benveniste (1976, p.43):



- dualidade articulatória/acústica;
- dualidade do som e do sentido;
- dualidade do indivíduo e da sociedade;
- dualidade da língua e da fala;
- dualidade material e do não-substancial;
- dualidade do “memorial” (paradigmático) e do sintagmático;
- dualidade da identidade e da oposição;
- dualidade do sincrônico e do diacrônico.

Essas dualidades estão estritamente relacionadas com a dicotomia imposta por Saussure. Outro ponto de fundamentação que permeia essas posições teóricas, como se apontou anteriormente, são as noções de sistema e estrutura vinculadas às disciplinas científicas desde o final do século XIX, especialmente à biologia, buscando uma relação entre os objetos de estudo, até então analisados separadamente.

Ora, o deslocamento conceitual introduzido por Saussure consiste precisamente em separar essa homogeneidade cúmplice entre a prática e a teoria da linguagem: a partir do momento em que a língua deve ser pensada como um sistema, deixa de ser compreendida como tendo função de exprimir sentido; ela torna-se um objeto do qual uma ciência pode descrever o funcionamento. (...) diremos que não se deve procurar o que cada parte significa, mas quais são as regras que tornam possível qualquer parte que se realize ou não. (PÊCHEUX, 1998 p.62).

Orlandi (2007, p.23) comenta como “Saussure exemplifica isso com o jogo de xadrez, em que uma peça (o cavalo, por exemplo) tira sua identidade não do material de que é feito (...) e nem mesmo de sua figura aparente (...), mas da relação de oposição que tem com as outras peças e da sua posição em relação ao todo”.

Nesse sentido (PÊCHEUX, 1998), Saussure pôs-se a pensar contra seu tempo, rompendo com uma série de definições pré-linguísticas no que diz respeito à origem da língua e às determinações lógicas, biológicas e sócio-históricas. Até então, existiam empreendimentos que buscavam uma gramática universal, por exemplo, o estudo do



indo-europeu, ou mesmo as gramáticas comparadas e a relação entre a língua e a vida dos povos e indivíduos.

Os preceitos saussurianos servirão de instrumento epistêmico para o estruturalismo de maneira generalizada nas diferentes adaptações das várias disciplinas. A abordagem predominantemente sincrônica e sistêmica afastará a linguística da perspectiva histórico-evolutiva corrente no século XIX, favorecendo sua automação enquanto ciência e permitido a perspectiva de que uma língua não muda do mesmo modo que a sociedade e não se submete às mesmas leis. Para Saussure, a História de uma palavra não dava conta de sua significação atual.

As ideias de Saussure seguirão um aumento exponencial. De um primeiro momento relacionado a pequenos círculos, em especial o de Moscou (onde é introduzida desde 1915 por Jakobson), até o Circulo de Praga, que contava com a participação de Lévi-Strauss e Roman Jakobson. A partir deles, deu-se a chegada destas ideias para os estruturalistas na França, no início dos anos 1950.

Nesse percurso, vários lugares atribuem diferentes interpretações sociológicas, lógicas ou psicológicas dos pressupostos saussurianos. Por exemplo, Lévi-Strauss é referenciado por Dosse (1993) como o primeiro a transferir os modelos linguísticos para o estudo da antropologia, influenciando o uso das ideias linguísticas como subsídios para as demais disciplinas das ciências humanas, dando à linguística saussuriana status fundamental para a renovação dos estudos sobre sociologia, psicanálise, filosofia, antropologia, História e, por fim, a própria linguística.

Assim, de acordo com a própria formulação da linguística de uma disciplina que por muito tempo foi compreendida como um pivô, tem se desenvolvido frentes de pesquisa, estudando fenômenos da Arquivologia em duas frentes de pesquisa 1) A semântica textual 2) A análise do discurso.

A Semântica Textual



A linguística textual é uma área da linguística recém-criada, inicialmente desenvolvida na Europa, especificamente na Alemanha, nos anos 1960. Ela concentra seus estudos, como o próprio nome remete, ao texto propriamente dito. (FÁVERO; KOCH, 2012).

As causas que levaram os linguistas a desenvolverem as gramáticas textuais justificam-se, segundo as autoras, devido:

Lacunas das gramáticas de frase no tratamento de fenômenos tais como a co-rreferência, a pronominalização, a seleção dos artigos (definido ou indefinido), a ordem das palavras no enunciado, a relação tópico-comentário, a entoação, as relações entre sentenças não ligadas por conjunções, a concordância dos tempos verbais e vários outros que só podem ser devidamente explicados em termos de um texto ou, então, com referência a um contexto situacional. (FÁVERO; KOCH, 2012, p. 16).

A inserção destas novas perspectivas com relação ao texto pode ser compreendida como o atendimento e a resposta a uma série de necessidades latentes ao âmbito textual, como as ressaltadas acima, que transpõem o nível da palavra e da frase tal análise precisa, a partir de então, ser mais abrangente e completa, e isto seria alcançado por meio do contexto textual.

As autoras destacam três períodos que foram essenciais na “passagem da teoria da frase à teoria do texto”, para isso apresentam as considerações de Conte (1977, apud, FÁVERO e KOCH, 2012) em que o autor os elenca respectivamente como o da análise transfrástica, das gramáticas textuais e das teorias do texto. Vale ressaltar que esses momentos não são considerados como um percurso exatamente cronológico, mas “sim tipológico, por não haver, entre eles, uma sucessão temporal, constituindo-se cada um deles em um tipo diferente de desenvolvimento teórico” (FÁVERO; KOCH, 2012, p. 17).

No primeiro momento, o da análise transfrástica, a pesquisa ainda estava inclinada à análise do enunciado ou da sequência de enunciados e o seu percurso até o texto. Esse estudo objetivava inferir quais relações poderiam existir entre os enunciados.

Na visão das autoras, esse primeiro momento, ainda que significativo por transpor o nível da frase, não configurou autonomia ao tratamento do texto e nem pode construir um



modelo teórico para servir como guia às pesquisas relacionadas. (FÁVERO; KOCH, 2012).

O segundo momento, das gramáticas textuais, visava estudar fenômenos linguísticos dos quais a gramática do enunciado não explicava. A gramática textual considerava que entre o texto e o enunciado havia uma diferença qualitativa e que o texto era “mais que uma sequencia de enunciados” (p.19), sendo, portanto, a sua compreensão e produção resultadas da “competência textual”. Esta competência elencada pelas autoras consiste em:

- a) verificar o que faz com que um texto seja um texto, isto é, determinar seus princípios de constituição, os fatores responsáveis pela sua coerência, as condições em que se manifestam a textualidade (Texthäftigkeit);
- b) levantar critérios para a delimitação de textos, já que a completude é uma das características essenciais do texto;
- c) diferenciar as várias espécies de textos. (FÁVERO; KOCH, 2012, p. 19).

As autoras destacam o modelo de gramática textual de Petöfi, pois é o que mais se destacou nesse segundo momento. Petöfi acreditava em um modelo de gramática textual de base não linear, isto quer dizer, que não seguia um padrão pré-estabelecido, e nem formal, pois esta base textual constaria de “uma representação semântica, indeterminada com respeito às manifestações lineares das sequências dos enunciados” (FÁVERO; KOCH, 2012, p. 20. Grifo nosso),

Petöfi postula ser este modelo de gramática apto a tornar possível:

- a) a análise de textos, isto é, a atribuição a uma manifestação linear de todas as bases textuais possíveis;
- b) a síntese de textos, ou seja, a geração de todas as bases possíveis textuais;
- c) a comparação de textos. Neste modelo, o léxico, com suas representações semânticas intencionais, assume função relevante. (FÁVERO; KOCH, 2012, p. 20).



O terceiro e último momento é o das teorias do texto. Desse momento em diante recebem maior destaque o contexto pragmático do texto.

O âmbito de investigação se estende do texto ao contexto, entendido, em geral, como conjunto de condições – externas ao texto – da produção, recepção e da interpretação do texto. (FÁVERO; KOCH, 2012, p. 20).

Sobre este aspecto Linguístico – textual, vários autores fizeram considerações a exemplo de Dressler, Schmidt e Oller. A pragmática do texto foi abordada de diversas maneiras. A seguir observam-se estas definições por meio de um quadro conceitual para melhor visualização e compreensão.

Três momentos mostram o percurso de constituição e expansão teórica da linguística textual e, como se referem as autoras, é caracterizado de forma mais “ampla, substancial e interdisciplinar”. (FÁVERO; KOCH, 2013, p. 23).

Para Fávero e Koch (2013) a gramática textual pode ser definida em termos do tipo de objeto que se propõe descrever de maneira explícita, o “texto” ou “discurso” (p.23), pela visão das autoras pode-se inferir que as gramáticas textuais não consistem em mais uma forma de gramática/regras, como o é a” estrutural, a gerativo-transformacional ou a funcional. (FÁVERO; KOCH, 2013, p. 23).

Portanto, o alvo das gramáticas textuais, bem como da linguística textual não se restringem a “métodos e modelos, mas, sim, do seu escopo, ou seja, dos tipos de objetos e de problemas que constituem o seu campo de estudo”. (p.23). Desse modo, visa explorar a própria área de modo a buscar solucionar problemas e expandi-la cientificamente.

Fávero e Koch novamente contribuem à análise da semântica textual quando, assim como Benveniste, esclarecem a noção de sentido, fazendo entender que:

O plano de conteúdo, os significados ordenados dos signos que compõem um texto podem ser chamados de sentido (sinn). À semântica textual, como parte da linguística



textual, cabe indagar-se sobre as regras válidas para a determinação recíproca dos signos verbais no texto e na sua compatibilidade dentro do contexto (FÁVERO; KOCH, 2012, p. 27).

Infere-se, a partir do percurso traçado, que a Linguística Textual contemporânea estende sua análise do texto ao contexto, isto é, aos fatores que se encontram para além do texto. Esta forma de analisar não só é mais abrangente como muito mais profunda em termos semânticos do que até então se havia proposto em relação ao texto. É, portanto, esse viés mais prático e palpável, isto é, pragmático, que vai trazer uma renovação identitária à Linguística Textual a partir do século XX.

A Análise do Discurso

A AD vem modificar a visão estruturante de linguística, visando à compreensão do fenômeno da linguagem não mais centrada apenas na língua, sistema ideologicamente neutro, mas num nível também situado fora do estritamente linguístico.

Por meio da AD, pode-se chegar à conclusão de que nenhum estudo da linguagem pode deixar de levar em conta aspectos da sociedade que a produz, uma vez que os processos que constituem a linguagem são histórico-sociais.

A linguística, a partir dos anos 60, preocupava-se com a análise de um objeto além da frase, ou seja, começava-se a exigir a abordagem da articulação entre o material linguístico e seu exterior,

Porém, o momento inicial da AD não é menos importante do que o “último estágio” dessa disciplina, pelo contrário, é o solo sobre o qual se detém para enxergar a construção do edifício teórico.

O território francês para o desenvolvimento da teoria do discurso é bastante diferente daquele que foi apropriado pela Ciência da Informação, para discutir a institucionalização da Informação, aspectos sociais da informação e temáticas relacionadas, ou seja, existe no uso de AD na CI um deslocamento e uma naturalização de sua trajetória e de seu percurso.



Afim de demarcar o espaço de atuação e qual das muitas Análises do Discurso que estamos têm-se trabalhado sob a perspectiva Pêcheux-Coutine de AD, na medida em que, busca-se, enunciar que as ciências sociais, e as ciências humanas de modo geral, possuem desequilíbrios e inversões regulados pelos sujeitos conscientes, atuantes nas produções textuais e orais, mas também, regulados pela ideologia e pelo poder, ou seja, o sentido oculto presente naquele espaço discursivo que ele analisa.

São iniciadas, a partir das considerações de Pêcheux a respeito de Foucault, algumas reformulações da teoria da AAD (Análise Automática Discurso), especialmente com a formulação de Pêcheux da noção de formação discursiva.

Porém, a contribuição Foucaultiana para a AD é mais periférica, pois, em Foucault, o objeto de estudo é a ciência e sua discursividade; e, em Pêcheux, a AD faz parte de um projeto epistemológico completo, encarada como uma ruptura com os preceitos linguísticos clássicos.

Ainda que a obra de Foucault seja fundamental para a análise, o ator central do projeto é Pêcheux e ele deve ser considerado nas pesquisas que buscam utilizar Análise do Discurso na Ciência da Informação.

Porque o projeto de análise cresce e constrói-se a partir do seu grupo. Por conta da tradição francesa, as pesquisas ali desenvolvidas centram-se nesta perspectiva. O mesmo não ocorre na América do Norte

Ao final da década de 1960, o estruturalismo, anteriormente calcado na linguística, sociologia e antropologia, aproxima-se, em Foucault, da História e com Pêcheux funda-se uma área de interseção, interdisciplinar no mais fundamental do termo.

L'Archeologie du Savoir vem sanar um problema que, muitas vezes, pode ser percebido nas obras anteriores de Foucault: a ausência de um quadro metodológico explicitado, que vem a ser o objeto de reflexão desta obra.

No núcleo desse quadro, instaura-se a linha de pensamento Foucaultiana de análise do discurso, responsável pela formulação de uma série de conceitos fundamentais para a estruturação metodológica da disciplina, emprestada à AD por Pêcheux a partir de 1975.



Na obra, Foucault aproxima a esfera discursiva tradicional, presente no método estruturalista, do ideário baseado no marxismo, presente nos seguidores de Althusser.

Contudo, é iniciado um deslocamento, com a formulação de conceitos como a prática discursiva, formação discursiva e formação ideológica.

Para Pêcheux, neste momento, o sujeito do discurso sempre está relacionado entre a posição sujeito da ideologia/sujeito da linguagem, mas o campo de análise é reconfigurado.

Em *L'Archeologie du Savoir*, Foucault utiliza este método para compreender a “História da História”, visando a sua desconstrução. O método que ele utiliza para efetuar tal desconstrução é sua contribuição para a análise do discurso.

Em nenhum caso quis Foucault arvorar-se em defensor de uma positividade qualquer da ciência histórica, por mais nova que fosse. O que lhe interessa é abrir as estruturas para as discontinuidades temporais, para os desequilíbrios e inversões que regulam os deslocamentos de um jogo incessante de práticas discursivas (DOSSE, 1994, p.270).

Assim, compreendendo a Ciência da Informação como uma instância significativa e passível desta análise, busca-se no seu passado compreender o atual momento de transição no qual ela se encontra, estabelecendo essa relação arqueológica.

A AD, assim como tantas outras disciplinas desenvolvidas durante o século XX foi/é uma disciplina permeada por outros campos de conhecimento, no caso, fundamentalmente as Ciências Sociais e a Linguística.

A este respeito, Malidier (1994, p.19) faz a seguinte avaliação:

(...) A análise do discurso é pensada como ruptura epistemológica com a ideologia que domina nas ciências humanas (especialmente a psicologia). O objeto do discurso, que reformula a fala saussuriana na relação com a língua, implica, de acordo com a fórmula althusseriana, uma mudança de terreno. (...) o objeto teórico articula a questão do discurso àquelas do sujeito e da ideologia. A análise (do discurso) só pode ser pensada em relação a uma teoria (do discurso).

O texto fundamental, A propósito da análise automática do discurso: atualização e perspectivas – publicado na revista *Langages* 37 –, é o resultado de todo o processo de



uso da AAD-69 (primeira enunciação da análise do discurso) e atualiza e reestrutura o quadro epistemológico geral, na articulação entre o materialismo histórico, a linguística e a teoria discursiva.

Pêcheux e Fuchs (1997, p.163) fazem a seguinte ponderação a respeito dos primeiros momentos da AAD:

Nestes últimos anos, a “análise automática do discurso” (...) produziu um certo número de publicações, tanto no nível teórico quanto no das aplicações experimentais. Parece-nos que as observações, interpretações, críticas ou mesmo deformações suscitadas nestes dois níveis precisam de uma reformulação de conjunto visando a eliminar certas ambiguidades, retificar certos erros, constatar certas dificuldades não-resolvidas e, ao mesmo tempo, indicar as bases para uma nova formulação da questão.

Portanto, esse é o momento das reconsiderações a respeito dos primeiros sete anos da AD, e os autores buscam retificar e renovar algumas abordagens da AD.

A noção de formação discursiva acaba por fazer exatamente isso: deslocar a compreensão da máquina produtora de discursos, desconstruindo-a, uma vez que a Formação Discursiva, em uma relação paradoxal com seu exterior, mais tarde levará a noção de interdiscurso e memória discursiva importante no atual estágio da AD.

Aborda-se a seguir pesquisas que têm sido desenvolvidas utilizando ambas as teorias da linguística.

Semântica e Discurso: Abordagens para a Arquivologia.

Representação Arquivologia em instituições : Uma análise semântica.

Por meio deste arcabouço teórico tem trabalho no âmbito da semântica, com a análise de instrumentos de pesquisa por meio da concepção da Representação Arquivística.

Que por representação, podemos entender como define Jacob (1998):



É usado para referenciar ambos o processo ou atividade de representar e para os objetos produzidos por essa atividade[...] O processo de representação busca estabelecer uma correspondência sistemática entre o domínio alvo e o domínio modelado para captura ou reapresentar, por meio do domínio de modelação, o objeto, dado ou informação do domínio alvo. (JACOB, 1998, p.146, apud YAKEL, 2003,,tradução nossa).

Buscando uma aproximação com esta noção Yakel estabelece a Representação Arquivologia como:

[...]representação refere-se aos dois processos de arranjo (respeitando ou desrespeitando a ordem) e descrição, assim como a criação de instrumentos de pesquisa (guias, inventários, catálogos) e sistemas (fichas catalográficas, bases de dados bibliográficas e bases de dados Arquivologia) resultado destas atividades. É clara como a criação de substitutos se relaciona com a representação (YAKEL, 2003, p.02, tradução nossa).

Então, a Representação Arquivologia engloba os processos relacionados à classificação/arranjo e de descrição de um modo integrado e visando a continuidade ao longo da elaboração dos instrumentos de pesquisa e do plano de classificação.

A Representação na Arquivologia parte central da metodologia de tratamento dos arquivos visando por meio deste, estabelecer o percurso histórico e conceitual da Arquivística. Assim, já existe lastro teórico para abordar a descrição e classificação como um processo simbiótico para a organização e preservação dos arquivos.

Neste sentido, percebeu o cenário canadense como espaço privilegiados na discussão de aspectos teóricos-metodológicos da Representação Arquivologiae outros aspectos voltados aos arquivos e justamente por isso, utiliza-se de autores, analisa-se instituições dos mesmos, relacionadas a classificação e descrição, utilizando da semântica como fundamento de análise.



A Arquivologia passou por mudanças profundas a partir da década de 1980, seja no campo prático, seja no teórico. No âmbito teórico, essas modificações se devem às publicações de uma série de autores das correntes anglo-saxônicas, predominantemente do Canadá, Austrália e Nova Zelândia, que, nos últimos 30 anos, buscaram esquematizar uma prática técnico-científica diferente daquela tradicionalmente desenvolvida na Europa, por exemplo.

Assim, aproximam a Arquivologia dos métodos de compreensão e estudo próprios das ciências humanas, através de autores como Terry Cook, Hugh Taylor, Brien Brothman e Tom Nesmith, refletindo sobre aspectos até então pouco explorados no universo teórico da disciplina.

Podem-se citar, também, autores que buscaram dar sustentação às atividades Arquivísticas, a partir de uma perspectiva epistemológica, como David Bermman, Chris Hurley e Verne Harris, que podem ser destacados como figuras importantes desta iniciativa.

A ampliação e a revisão teórica dos últimos 30 anos sinalizam para uma profunda mudança no universo de atuação do arquivista, à medida que as instituições modificaram como produzem e organizam seus documentos em um universo administrativo de uso massivo e irreversível de tecnologias multimídia, que se apresentam como o maior desafio para os arquivistas e a Arquivologia do presente e do futuro.

Portanto, a disciplina tem buscado respostas para resolver os problemas do presente nos sistemas de gestão de documentos, pensando naqueles que devem ser preservados para o futuro.

Têm se desenvolvido por meio do percurso histórico-conceitual construído em pesquisas anteriores, a confecção de um modelo de ensino de Representação Arquivística, ou seja, a construção de uma ferramenta que auxilie no ensino no que se relaciona a aplicação das normas de classificação Arquivologia e das normas de descrição tendo como metodologia da análise a semântica textual como disciplina que operacionaliza análise



proposta, uma vez que, pode-se compreender os planos de classificação e instrumentos de pesquisa como textos, passíveis de análise semântica.

Tendo como apoio a participação de alunos da graduação em Arquivologia da UFPA, por meio de bolsas de iniciação científicas (já financiadas pelo CNPQ/UFPA, três bolsas) tornando o projeto profundamente exequível na realidade acadêmica do curso de Arquivologia.

Sinalizando ainda, o início no âmbito da UFPA de uma tradição de pesquisa nas áreas de Ciência da Informação, visando a criação de programa de pós-graduação na área, em processo de avaliação pelo comitê da CAPES.

O atual projeto tem visado ampliar os horizontes de estudos da Representação Arquivologia para outros arquivos e países, buscando dar sustentação à Representação Arquivologia enquanto um núcleo metodológico da Arquivologia e construir por meio dessa trajetória e mais ainda um ponto de ligação fundamental entre a Arquivologia e a Ciência da Informação.

Assim, busca-se por meio dos pressupostos teóricos da Arquivologia canadense, perceber as diferentes abordagens de tratamento dos arquivos e comprovar o uso possível ou não da Representação Arquivologia enquanto um eixo teórico-metodológico da Arquivologia e a construção e as relações de sentido entre a teoria em representação e sua respectiva aplicação.

Análise do Discurso possibilidades para a construção teórica da Arquivística.

Se a abordagem semântica atenta possibilidade estudos de ordem metodológico-prática, a Análise do Discurso sinaliza abordagens de cunho teórico-metodológica.

Conforme descrito na seção dois, a abordagem do discurso possibilita uma série de inversões e deslocamentos do discurso estudado. Neste sentido, tem se trabalhado com temática que visam discutir e aprofundar aspectos epistemológicos e metodológicos da Arquivologia contemporânea. (BARROS, 2015; BARROS, 2014; BARROS, 2013; BARROS & MORAES, 2013 e BARROS E MORAES 2010).



A Arquivologia tem-se construído balizada, em um primeiro momento, em técnicas e manuais de arranjo e descrição de arquivos, este momento sinalizou a construção da Arquivologia enquanto uma prática voltada para um universo específico de instituições e seus documentos atendendo a uma realidade político-ideológica, que considerava importante o acesso a documentos tido como do antigo regime absolutista.

No decorrer dos anos de 1960-1980 passa a ocorrer uma mudança de valores e das instituições produtoras de documentos passam a existir dos arquivistas e da Arquivologia mudanças do terreno, levando a uma série de ações e movimentos de normalização de metodologias, deslocamentos conceituais, revisões... ou seja uma ebulição de mudanças. A análise do discurso, nos priva de estudos descritivos como aqueles em Arquivologia que tendem ao cronológico e descritivo em um universo particular à própria disciplina, ou seja, a contextualização histórica não é uma prática comum aos estudos teórico-epistemológicos da disciplina, que são bastante escassos.

Estudos dessa ordem tendem à naturalização e ao status disciplinar da Arquivística, isto é, tratam a teoria de modo evolutivo e contínuo, tratando a disciplina como um espaço aberto, passível de interpretação não só de sua teoria, mas também de seu lugar conceitual e histórico; assim, o espaço teórico não se encontra fechado, quando trabalha-se com a Análise do Discurso.

A Arquivística, ainda que uma área recente, apresentou durante seu estágio inicial e desenvolvimento posterior, saltos teóricos e práticos, à medida que ocorriam mudanças institucionais, sociais ou como começa a ocorrer a partir da década de 1980 mudanças paradigmáticas, uma vez que o campo entra em crise, quer seja pela descentralização administrativa ou pela produção eletrônica de documentos.

Estas são considerações que têm sido elaboradas por meio da Análise do discurso no âmbito da Arquivística.

Conclusões

Buscou-se com este capítulo texto a respeito de abordagens e teorias da Linguística que podem contribuir para os estudos em Arquivologia, quer em relação a sua metodologia ou



em relação a sua teoria. A semântica apresenta aportes importantes e fundamentais para a análise intratextual, já a análise do discurso, possibilita análises extratextuais.

Evidentemente, outras áreas e teorias da linguística podem servir de fundamento para estudo de fenômenos arquivísticos, uma vez que a primeira tem de acordo com a nossa própria trajetória muito para contribuir com a segunda.

Estudo de ordem interdisciplinar, na realidade atual da área de informação e comunicação, são fundamentais já que é preciso que os arquivistas, cientistas da informação, bibliotecários, museólogos, admitam acima de qualquer suspeita a falta de parâmetros claros quando se fala, da elaboração precisa das ações de organização. Em arquivística, especialmente, existem sim a formalização e a normalização, porém, essas ações não aprofundaram-se da maneira devida na questão fundamental dos descritores: seu conteúdo e melhor forma de apresentação.

Este trabalho visou, ao logo de seu desenvolvimento, destacar a importância de relações interdisciplinares entre as áreas para solução de problemas, quando busca na Linguística formas de análise e compreensão dos fenômenos de nossa área.

Afinal, é só por meio de trabalhos dessa natureza que nossa área irá construir-se de forma plena e que responda a questões postas aos arquivistas pela sociedade.

Bibliografia

AITHUSSER, L.P. (1985) *Aparelhos ideológicos de estado*. 7.ed. Rio de Janeiro: Graal

BARROS, T. H. B. (2014) Por uma arqueologia da arquivística: elementos históricos de sua constituição. *Informação Arquivística*, v. 2 n. 2 p.135-157,

BARROS, T. H. B. (2013) Os Arquivos, A Arquivologia e o Discurso: alguns marcos históricos e conceituais. *Informação Arquivística*, v. 1 n 2, p.135-157.

BARROS, T. H. B., MORAES, J. B. E. Arquivística (2013) História e Ciência da formação: diálogos e duelos. In: CETAC.MEDIA e Universidad de León. (Org.). *Globalização, Ciência e Informação*. 1ed. Porto: Editora da Universidade do Porto, 168-180,



BARROS, T. H. B., MORAES, J. B. E. (2010) From archives to archival science: elements for a discursive construction In: In: GNOLI, C. (Ed.). *Paradigms and conceptual systems in Knowledge Organization*, Würzburg: ERGON , 388-404.

BENVENISTE, E. (1976) *Problemas de lingüística geral I*. São Paulo: Ed. da USP.

COOK, T. (2001) Archival science and postmodernism: new formulations for old concepts. *Archival Science*, vol. 1, n. 1, p 3-24.

COOK, T. (2001) Fashionable Nonsense or professional rebirth: postmodernism and practices of archives. *Archivaria*, v. 51, spring, p. 14-35

COOK, T. (2002) The english report' and archives: a critical appreciation. *Archivaria*, n.53, p.115-21, Spring.

DOSSE, F (2001) *A História a prova do tempo: da História de migalhas ao resgates dos sentidos*. São Paulo, Ed. da UNESP.

DOSSE, F. (1994). *História do estruturalismo*. Campinas: Ed da Unicamp, 2.v.

DOSSE, F. (1993). *História do estruturalismo*. Campinas: Ed da Unicamp, 1.v.

FÁVERO, L. L.; KOCH, I. G. V. (2012) *Linguística Textual: introdução*. – 10. Ed. – São Paulo : Cortez.

FOUCAULT, M. (1997) *A arqueologia do saber*. 5.ed. Rio de Janeiro: Forense.

FOUCAULT, M. (1999) *As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas*. São Paulo: Martins Fontes.

FOUCAULT, M. (1996). *A ordem do discurso*. 3.ed. São Paulo: Edições Loyola.



FREDRIKSSON, B. Postmodernistic archival science: rethinking the methodology of a science. *Archival Science*, n.3 p.177-197, 2003.

KOCH, I. G. V. (1997) *Lingüística textual: retrospecto e perspectivas*. Alfa, São Paulo, 41: 67-78

KOCH, I. V. (2015) *Introdução à Linguística Textual: trajetória e grandes temas*. – 2. ed. – São Paulo : Contexto.

MAINGUENEAU, D. (1997) *Novas tendências em análise do discurso*. Campinas: Pontes.

MALDIDIÉ, D. (1997) Elementos para uma História da Análise do discurso na França. In: ORLANDI, In: ORLANDI, E.P. *Gestos de Leitura: da História no discurso*. 2.ed. Campinas: Ed. da Unicamp, 1994. Cap.1, p.15-28.

ORLANDI, E.P (2007) *Análise de discurso: princípios e procedimentos*. 2. ed. Campinas: Pontes,

PÊCHEUX, M.; FUCHS, C. (1975) A propósito da análise automática do discurso: atualização e perspectivas In: GADET, F.; HAK, T. *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. Campinas: Editora da Unicamp pp.163-252.

PÊCHEUX, M. (1998) Sobre a (des-)construção das teorias linguísticas. *Escritos*, n.4, p. 7-16.

SAUSSURE, F. (2006). *Curso de linguística geral*. São Paulo: Cultrix.

YAKEL, E (2011) Who represents the past? Archives, records and social web. IN: COOK, Terry (ed). **Controlling the past: documenting society and institutions**. Chicago: Society of American Archivists, p. 257- 278.

YAKEL, E. (2003) Archival Representation. **Archival Science**, n. 3, p. 1-25.